

Conhecimento dos estudantes de enfermagem e medicina sobre o manejo de urgências de intoxicação

Palavras-chave: Conhecimento; Estudantes de Enfermagem; Estudantes de Medicina; Toxicologia; Segurança do Paciente.

Mayumi Waki Dias Covalenco¹
Adriana Safioti de Toledo Ricardi²
Renata Cristina Gasparino³

¹ Aluna de graduação da Faculdade de Enfermagem da Universidade Estadual de Campinas.

² Enfermeira do Centro de Informação e Assistência Toxicológica de Campinas.

³ Enfermeira e Professora da Faculdade de Enfermagem da Universidade Estadual de Campinas.

Introdução: a notificação de intoxicações vem se tornando cada vez mais numerosa nos últimos anos e foi considerada um problema global de saúde pública. Foram notificados, entre 2010 e 2014, 376.506 casos suspeitos de intoxicação no Brasil¹ e o estado de São Paulo registrou, em 2019, 34.445 notificações de intoxicação exógena². Estes números indicam a importância dos profissionais de saúde dominarem a técnica, raciocínio clínico, ética e manejo adequado dos casos a fim de assegurar a segurança do paciente¹. Apesar dos números alarmantes, as faculdades de Medicina e Enfermagem não oferecem disciplinas que abordam tais temas, pois os assuntos sobre intoxicação não estão dispostos no currículo obrigatório desses cursos. Assim, formam-se profissionais sem a devida capacitação para atuar no contexto em questão¹.

Objetivo: avaliar o conhecimento dos alunos de graduação em medicina e enfermagem referente ao manejo das urgências e emergências de exposição às substâncias tóxicas e acidentes por animais peçonhentos.

Método: estudo realizado em duas etapas, sendo a primeira caracterizada como metodológica, em que foi elaborado um questionário para avaliar o conhecimento dos estudantes com relação ao manejo das intoxicações. Este questionário teve seu conteúdo

validado por quatro especialistas. Na segunda etapa, caracterizada como descritiva, quantitativa e transversal, foi avaliado o conhecimento de 73 alunos dos cursos de Enfermagem e Medicina de uma universidade pública do interior de São Paulo. Foi utilizada estatística descritiva e teste de Mann Whitney para comparar as notas entre os cursos. O projeto foi aprovado pelas coordenações dos cursos e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade, sob parecer nº 4.362.263.

Resultado: na primeira etapa, foram necessárias duas rodadas de avaliação pelos especialistas para que as questões atingissem um Índice de Validade de Conteúdo de 1,0. Na segunda etapa, participaram 30 (41,10%) alunos da enfermagem e 43 (58,90%) da medicina. Dentre os discentes, 58 (79,45%) já tinham participado da jornada de toxicologia e 39 (53,42%) eram plantonistas de um centro de informação e assistência toxicológica. A média geral da nota dos participantes foi de 6,99 ($p=2,24$). Ao comparar os cursos, a média da enfermagem foi 6,83 ($dp=2,13$) e da medicina 7,09 ($dp=2,33$), com $p=0,5313$. Ao comparar os alunos que participaram (média=7,64) ou não (média=4,48) da jornada de toxicologia e foram (média=8,63) ou não (média=5,11) plantonistas do CIATox, diferenças significantes foram encontradas ($p>0,0001$).

Conclusão: os alunos dos cursos de graduação em medicina e enfermagem que participaram da pesquisa, demonstraram ter conhecimento referente ao manejo de substâncias tóxicas e acidentes por animais peçonhentos.

1. Brasil. Coordenadoria de Vigilância em Saúde. Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo. Manual de Toxicologia Clínica. 1ª edição São Paulo-SP. 2017. Disponível em: <http://www.cvs.saude.sp.gov.br/up/MANUAL%20DE%20TOXICOLOGIA%20CL%C3%8DNI%20-%20COVISA%202017.pdf>.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Banco de dados do Sistema Único de Saúde-DATASUS. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinanet/cnv/Intoxsp.def>.